

O parlamentarismo pode ser, na teoria, o sistema de governo mais sofisticado e melhor adaptado às democracias estabilizadas, mas, para o Brasil, implantá-lo de repente equivalerá a um salto no escuro. Há um grande perigo, pois as instituições correrão o risco de não funcionar.

A opinião é do ministro da Aeronáutica, brigadeteiro Moreira Lima, para quem a mudança do sistema de governo exigiria partidos fortes e estáveis, bem como estruturas administrativas eficientes. Não é essa a nossa realidade, ele pondera, falando como simples cidadão, não como chefe militar. Em termos castrenses, tanto o ministro da Aeronáutica quanto os ministros do Exército e da Marinha obtiveram sucesso ao ver afastadas sugestões contrárias à tradição. Foi abandonada a idéia de exclusão das Forças Armadas da defesa da lei e da ordem interna. Ao mesmo tempo, não vingou a tese da transferência do Departamento de Aeronáutica Civil para o Ministério dos Transportes. Muito menos desenvolveu-se a sugestão para acabar com o Superior Tribunal Militar. As preocupações militares, agora, fluem para assuntos gerais, como o da mudança do sistema e governo. Nenhum dos ministros sardados julga oportuno o parlamentarismo, ainda que ressalvem ser essa uma decisão dos constituintes. Acatarão o que for resolvido, mas o perigo é amplo, no caso.

Moreira Lima, em suas conversas particulares, preocupa-se com a possibilidade de a nova Constituição vir a ser casuística, voltada exclusivamente para a conjuntura. Precisaria ser um conjunto de nor-

mas fundamentais capazes de balizar o futuro e dar rumos para as próximas décadas, nos campos econômico, social e institucional. E tem esperanças de que o trabalho da Comissão de Sistematização possa ordenar as sugestões variadas e encontrar o rumo do futuro, seja através de reformas necessárias e possíveis, seja evitando aventuras e propostas revolucionárias.

Coincidência?

Terá sido por mero esquecimento que a Comissão Executiva do PMDB, reunida esta semana para marcar a data da convenção nacional, ignorou olímpicamente o recém-baixado Plano Bresser, de recuperação econômica? Há quem julgue que não. Que a omissão foi proposital para evitar comprometimento do partido com surpresas desagradáveis, isto é, com o malogro da nova política econômica. Porque nem liberais, nem conservadores, nem ritas, nem progressistas se lembraram de dar uma palavra a respeito. Nem sequer a mais íntima noção de solidariedade foi apresentada. A Comissão Executiva do maior partido nacional reuniu-se como se o programa do novo cruzado não existisse. Nada sobre o congelamento, muito menos sobre a expectativa do governo de reduzir a inflação a 3 ou 4% ao mês.

Se não foi oportunismo, foi coincidência, mas a verdade é que ficou, para todos, a imagem do avestruz enfiando a cabeça na areia durante a tempestade. Porque, dessa vez, ficará difícil ao PMDB tirar dividendos do plano, se ele der certo. Evitando comprometer-se com o insucesso, o partido perde a chance de capitalizar o insucesso.

ESTADO DE SÃO PAULO